

# 1

## OS PENTECOSTAIS E A MESA DE DEBATE: O CASO DO FÓRUM PENTECOSTAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO (FPLyC)

*David Mesquiati de Oliveira<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este artigo é fruto da participação, entre os dias 12 e 15 de novembro de 2012, do *Foro Pentecostal Latinoamericano y Caribeño* (FPLyC) - Setor Cone Sul, no povoado Isla de Maipo, Santiago-Chile. O fórum contou com a participação de líderes de igrejas pentecostais do Cone Sul (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai), assim como de líderes do movimento pentecostal do Equador e do Peru. Este texto não é um resumo do fórum, nem reúne as propostas discutidas durante o evento. Trata-se de um olhar crítico de um observador, que recolheu impressões não somente das apresentações e discussões nos debates, mas, sobretudo, dos comentários nos corredores e na praça de alimentação, onde o diálogo flui mais livremente. O fórum apresentou-se como um corpo capaz de acolher diferenças, debater ideias e manter a unidade fraterna. Mostrou que somos capazes de falar abertamente sobre nossa identidade pentecostal, e isso é um grande avanço.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo; mulheres; política; proselitismo; missão e diálogo.

---

<sup>1</sup> Doutorando em teologia sistemática (PUC-Rio), mestre em teologia prática (EST), economista, pastor na Assembleia de Deus em Vitória-ES, membro do RELEP (*Red Latinoamericana de Estudios Pentecostales*) e do FPLyC (*Foro Pentecostal Latinoamericano y Caribeño*), professor da graduação em teologia e do mestrado profissional em ciências das religiões da Faculdade Unida (UNIDA), pesquisador da Cátedra Unida de Teologia Pública e Estudos da Religião, autor do livro “Missão, cultura e transformação” (Sinodal). Email: david@faculdadeunida.com.br.

## INTRODUÇÃO

Em minha opinião, três temas sobressaíram no fórum: 1) a participação das mulheres pentecostais na liderança da igreja (e a questão mais ampla de “gênero”); 2) a participação política de pentecostais na vida pública e 3) a questão da evangelização e do proselitismo. Este último apareceu logo no início do fórum, mas vamos considerá-lo por último, por razões didáticas, atribuindo peso igual aos três temas.

### 1 O TEMA DAS MULHERES

Na abertura do fórum foram convidados vários líderes pentecostais e representantes de diferentes países. Era notória a ausência de mulheres entre eles. Em um mundo globalizado culturalmente (e economicamente), as realizações das mulheres no espaço público levantam várias questões sociais e teológicas, a que as antigas e novas lideranças pentecostais devem responder. Onde estavam as líderes pentecostais? Há mulheres expressivas em nível de liderança pentecostal em seus países? A questão do papel da mulher na sociedade, na família e na liderança cristã é um tema atual e relevante.

Em algumas denominações latino-americanas, as mulheres já alcançaram postos de pastoras, mas ainda estão em posição inferior aos homens na hierarquia denominacional. Isto é, permite-se “pastoras”, mas não “bispas”. Se dividíssemos a liderança em três escalões, diríamos que, no estrato mais inferior, encontraríamos algumas mulheres (presidente da sociedade feminina, líder de jovens, professora, líder da escola bíblica, etc.). Em algumas denominações mais “progressistas”, elas chegariam ao segundo escalão (diaconisas, pastoras, etc.). Mas no terceiro escalão, isto é, bispo, superintendente distrital, presidente da denominação, são raríssimos os casos na história. Em outras, são pastoras pelo simples fato de

serem esposas de pastores, e só assumem o ministério na ausência do mesmo – na maioria das vezes, temporariamente. Portanto, a maioria das igrejas pentecostais latino-americanas não aceitam mulheres em cargos de liderança (exceto para público exclusivo de mulheres ou em estratos inferiores).

As diferentes falas no fórum acentuaram essa característica. Mudava-se a denominação, mas mantinha-se o ponto em comum. O que alterava, era a intensidade ou abertura maior que as mulheres tinham em uma congregação específica, mas ainda não há políticas denominacionais que deem conta dessa temática de forma ampla, buscando uma reforma e uma reestruturação na gestão, na hierarquia e nos ministérios. O fórum não vai resolver essa questão; apenas evidencia que o tema está aí, e deve ser tratado.

No segundo dia, foi realizado um painel sobre o tema das mulheres pentecostais. Embora muitos participantes concordassem com a descrição das palestrantes sobre a condição discriminatória das mulheres pentecostais, um grupo significativo entende que essa situação não se aplica a suas congregações. De posição teológica mais conservadora, esse grupo prefere manter a formação “clássica” ou “tradicional”: as mulheres não têm de estar no mercado de trabalho, porque elas têm um papel importante na criação dos filhos e na manutenção das tarefas domésticas. Para esses líderes, as mulheres que não trabalham seriam “mais felizes e realizadas” como *esposas e mães*, apoiando seus maridos nas atividades operacionais nas congregações. Essas mulheres limpam os templos, realizam reuniões de oração regulares e, mais importante, enchem os templos (70% das pessoas que frequentam os cultos são mulheres).

As feministas, por outro lado, veem uma realidade muito diferente. Para elas as mulheres são oprimidas pelos homens e pelo sistema. São esquecidas e diminuídas, até nas reuniões, quando há uma congregação de 29 mulheres e um homem, chamam-lhes no masculino “irmãos” (aqui,

peso de trinta por um). Até nos estudos bíblicos, nas festividades e nas celebrações, quando se trata de mulheres, o ensino enfoca os modelos de *mãe exemplar* e *esposa submissa*, sempre as reduzindo a essas funções tradicionais nas culturas (mas ensinadas com peso de *revelação*, mandamento). Há, no entanto, na mesma Bíblia, mulheres que foram líderes, servindo como juízas, rainhas, profetisas, etc.

Ao longo da história da Igreja, a participação feminina foi diminuindo paulatinamente. Apesar dos esforços da teologia feminista, por exemplo, para restaurar a participação das mulheres no passado, muitas igrejas ainda mantêm suas estruturas organizacionais fechadas. Mas se isso é motivo para entristecer-se, há algo de positivo, que deve ser explorado. Ou seja, se no passado, e ainda hoje, as mulheres são impedidas de exercer o ministério em igualdade com os homens (lembre-se que os ministérios ordenados – pastor, evangelista, presbítero – são colocados acima do povo, dividindo a igreja entre leigos e clero, entre aprendizes e especialistas). Isso permite às mulheres, hoje, um autêntico espírito profético. Explico melhor: os ministérios ordenados significam o acesso a uma classe dominante, privilegiada. As mulheres, então, serão melhores profetisas que os homens. A razão está justamente em sua não participação nas estruturas de poder. Elas estão fora do jogo hierárquico e, com isso, preservam sua liberdade. O fato de estarem “abaixo” dos homens em nível hierárquico, longe de ser negativo, converte-se em potencial, pois provê o necessário para serem independentes, além de colocá-las em nível do povo, identificando-se com eles. Todo jogo de poder gera dependência, e, nesse sentido, elas são livres.

Além disso, como afirmou Valéria Vilhena, a influência de uma cultura patriarcal, machista e opressora contra as mulheres não foi superada e, em alguns casos, as próprias instituições cristãs reproduzem tal sistema organizacional. A autora relacionou a perspectiva de gênero com a religião e com a violência doméstica, e concluiu que a violência sofrida

pelas mulheres está diretamente relacionada à religião. Outras questões como o alcoolismo e o desemprego seriam secundárias<sup>2</sup>. Ou seja, a negligência da teologia para com a perspectiva de gênero gera consequências graves. A autora faz um chamado à reflexão e desafia, especialmente as mulheres, maioria entre os evangélicos: “que continuemos buscar compreender o caráter paradoxal da teologia evangélica, pois seu discurso de libertação não liberta as mulheres da opressão e da violência doméstica, antes reforça seus papéis de submissão à vontade masculina – um paradoxo de amor e dor – culturalmente construídos”<sup>3</sup>.

Um importante autor europeu, Jürgen Moltmann, afirmou: “será que uma igreja que ordena exclusivamente homens ao ministério e exclui as mulheres da proclamação, da profecia, possui o Espírito Santo, ou será que ela o ‘abafa’, reprimindo sua ação libertadora? [...] O Espírito de Deus não respeita as diferenças sociais. Pelo contrário, abole-as. No cristianismo, todos os movimentos de avivamento cheios do Espírito perceberam e disseminaram os elementos de revolução social da experiência do Espírito”<sup>4</sup>. Como o pentecostalismo clássico tem enfrentado esse desafio? Para Moltmann, esse é um critério teológico, um parâmetro para se avaliar uma teologia/movimento. Com a ação do Espírito Santo, a comunidade de irmãos e irmãs transforma-se em uma comunhão de livres e iguais<sup>5</sup>.

Por outro lado, não se alcançam uma verdadeira libertação e maturidade sem a participação cidadã. Isto é, não se trata de os homens dizerem às mulheres como ser e agir, mas de propiciar que as mulheres pensem e escolham seu caminho, de forma crítica e reflexiva, “que andem junto”. Cabe aos pastores atuais empoderarem essas mulheres, para que

---

<sup>2</sup> VILHENA, V. C. *Uma igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas*. São Paulo: Fonte, 2011. p. 161s.

<sup>3</sup> VILHENA, 2011, p. 165.

<sup>4</sup> MOLTSMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 31.

<sup>5</sup> MOLTSMANN, 2002, p. 34.

elas mesmas ocupem seus espaços; não como concessão ou cota, mas a partir de sua capacidade e chamado divino. Esse empoderamento passa pela educação, pela capacitação ministerial, reflexão bíblica, teológica e atualização das estruturas eclesiais.

Há também os entraves culturais. Tratando-se de América Latina, existe uma subcultura de patriarcado machista, que produziu nos homens um sentimento de posse e domínio. O casamento, por exemplo, para muitos, é um contrato que lhes garante poder sobre o outro, nesse caso, sobre as mulheres. Há muitas considerações a serem feitas sobre a alteridade, sobre o respeito ao outro e sobre os desafios que se nos apresenta o evangelho de Jesus Cristo. O evangelho sempre tem elementos para *conversão* das culturas. Por que mantemos acriticamente o paradigma cultural machista? A quem interessa? A questão da participação das mulheres na sociedade, de modo geral, e na liderança cristã, de modo particular, é certamente uma dessas áreas em que o evangelho de Jesus tem elementos para conversão da cultura vigente.

## 2 A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS E DAS PENTECOSTAIS

Por muitos anos, os pentecostais latino-americanos, intencionalmente, afastaram-se da política. Entre as razões, podemos apontar a influência norte-americana, de corte fundamentalista, que, para evitar confronto com o catolicismo e com os governos, promovia uma evangelização para a “salvação das almas”. Pesem os esforços louváveis dos que renunciaram a muitas coisas em prol da evangelização do mundo, em muitos casos, o objetivo de salvar almas gerou uma evangelização desencarnada. Era uma mensagem apocalipsista, que anunciava uma salvação *do* mundo, não *no* mundo. Assim, preocupações sociais, ambientais, trabalhistas, ou quaisquer outras, eram desencorajadas, em nome de um processo de santificação, que transformou muitas comunidades pentecostais em guetos nas cidades. Para piorar, a constatação de que estavam se transformando

em um monastério em pleno subúrbio era motivo de orgulho aos olhos da liderança. Com tal política de austeridade, estavam afastando-se *do* mundo. Isso contribuiu para uma perspectiva escapista da igreja, que quer deixar o mundo a todo custo e ir para o céu. De alguma forma, eles não entenderam a oração sacerdotal de Jesus: *“Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. Santifica-os na verdade: a tua palavra é a verdade. Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo”* (Jo 17.15-18).

Somos enviados ao mundo, e parte de nossa missão é anunciar e viver o Reino de Deus, com todas as mudanças e renúncias que isso implica. A consciência dessa missão foi gerando, na liderança pentecostal, uma mudança de mentalidade. Ao crescer numericamente, começou também a perceber seu impacto sociopolítico. Contudo, tal consciência não se materializou a partir dos movimentos sociais. Em muitos casos, a participação política é dada pela busca de poder, envolvida pelo sistema, para obter dele algum proveito. Há pouca preocupação com a mudança das estruturas de opressão e dominação. Ou seja, partem das estruturas de poder existentes, sem criticá-las. Essa inércia contribui para que a inserção política pentecostal adquira adjetivos como “conivência” e “cumplicidade”, fechando os olhos para as desigualdades e mazelas que tal sistema injusto produz. Nessa leitura (militante, reconheço), religiosos que chegam ao poder sem buscar promover mudanças estruturais, estão no mesmo nível que seus pares. Para a sociedade, estão corrompidos tanto quanto qualquer outro – nesse caso, pelos simples fato de fazerem parte do esquema.

E essa é uma grande dificuldade da missão em outros continentes. O mundo é desigual e continua a aumentar o fosso entre ricos e pobres. É fato que os atuais países ricos são especialmente os países cristãos. O que era bom (“cristãos prosperam”), converte-se em empecilho (“cristãos oprimem”). A riqueza está concentrada, e raramente são discutidas nos púlpitos essas desigualdades. Ao contrário, os fiéis são incentivados a enrique-

cer, acumular, produzir cada vez mais. Jornada dupla de trabalho, hora extra, “ser o melhor”, são incentivos velados e nas entrelinhas das mensagens, como receita de prosperidade. Esse é o tom das palestras motivacionais com rótulo de sermão, que, na maioria das vezes, viram DVD para ser comercializado com alta lucratividade. Mas quando se concentra a riqueza, e não há partilha e solidariedade, produzimos mais desigualdade. Isso é tão verdade, que os bairros vizinhos às nossas igrejas têm muitas necessidades e carências, e seguimos orando com os olhos literalmente fechados para nossa realidade.

A partir dessa leitura, um exemplo de participação política por vias inadequadas é o que está acontecendo no Brasil. Em 2012, havia 22 deputados federais, 38 deputados estaduais e 1.010 vereadores, políticos oficiais da Assembleia de Deus (CGADB - Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil). A CGADB criou um conselho político que gerencia as candidaturas oficiais da denominação<sup>6</sup>. Observe-se que a via escolhida para a inserção política não é a partir do povo, mas dos “poderosos” e dominantes. Dificilmente manifestações públicas, como passeatas, protestos e outras receberão a chancela denominacional. Até que ponto isso pode ser considerado profético ou transformador? Associar-se aos governos, receber subsídios para as atividades pastorais, fazer uso de toda a civilização tecnológica e mercadológica vigente localiza a igreja em um mundo superior e deixa-a longe dos necessitados. É verdade que a igreja deve participar ativamente da vida pública do país, mas não deve afunilar unicamente sua participação para a política partidária de favores e interesses. A esfera pública tem várias frentes: movimentos sociais, instituições governamentais, instituições mistas, terceiro setor e microsserviço social. Uma participação política equilibrada e consciente vai buscar os interesses da sociedade, do bem comum, e não agir a partir de um corporativismo evangélico partidário.

---

<sup>6</sup> Cf. Site oficial da CGADB. Disponível em: <<http://www.cgadb.com.br/>> Acesso em: 01 jul. 2013.

A questão de fundo, entretanto, é que não basta ter políticos evangélicos, nem presidente evangélico. Mesmo porque, em um sistema presidencialista como o caso do Brasil, há regras e agendas que um presidente, evangélico ou não, não pode suplantar. Aumentar o número de políticos evangélicos e não alterar a lógica do sistema não ajuda quem mais necessita de amparo. Um sistema que continua produzindo marginalização e pobreza deve ser denunciado, e não endossado em sua lógica de concentração do poder. Teremos alguma chance de enfrentar essa situação empoderando os mais frágeis, tomando partido deles, e juntando-nos a eles. Não basta querer representá-los, tem que estar com eles, como fez Jesus. Não se contentou em representar a humanidade caída desde o céu de glória. Baixou à Terra, viveu as limitações próprias do humano, mas subverteu a lógica do sistema do seu tempo. Deveria servir de alerta: seguimos a Cristo, não a instituições.

À medida que os pentecostais alcançaram notoriedade social, também foram, cada vez mais, aproximando-se das classes dominantes, vivendo em seu mundo cultural e fazendo acordos escusos na política, na economia e na cultura ocidental aglutinadora. Os acordos geram compromissos e dependência, sobretudo quando são firmados com atores sociais mais poderosos (assimetria). Pode uma palavra dependente ser uma palavra profética de Deus? Seria, ainda, uma palavra evangélica (novidade de Deus)? Participar do mundo das elites, das futilidades do consumismo, não significa necessariamente que está havendo conversão das camadas dominadoras. Ao contrário, devemos perguntar quem está se “convertendo” realmente, será a elite ou será o setor da Igreja que acolhe tais posturas, sem perceber que está sendo manipulado?

O poder econômico concentrado, combinado com o domínio das massas, é capaz de mudar pleitos eleitorais. No entanto, prevalece a mentalidade burguesa de indiferença para com os movimentos sociais e das minorias. Na política, muitos líderes pentecostais mantêm uma posição

de ultradireita e demonizam a esquerda. Essa postura permitiu curvar-se diante da ditadura, sendo o argumento, a conveniência de frear o comunismo (ultraesquerda), considerado “o inimigo”. Esse tipo de mentalidade defende que o que importa é levar as pessoas à conversão “espiritualizante”, desencarnada, reduzida ao “interior”, subjetiva. Tal apatia social transforma adeptos em meros frequentadores de templos. Que inserção política é essa, que faz coro com o sistema atual e dele se beneficia? Entrar na política partidária para garantir “um pedaço do bolo” é perder a capacidade de inovação e transformação do reino de Deus. O profetismo bíblico e jesuânico desafia nosso olhar, às vezes ingênuo.

Ouso dizer que, seguindo a proposta do evangelho, a participação política na América Latina traria melhores benefícios se incentivasse uma maior participação cidadã de nossos irmãos e irmãs pentecostais em temas como ecologia, desemprego, transparência na política, direitos humanos, etc. Tentativas de criar partidos evangélicos na América Latina não resultaram bem, especialmente porque o partido tinha unidade religiosa (quando interessava), mas não tinha identidade ideológica (direita/centro/esquerda). Ser cristão não significa que todos compartilham a mesma perspectiva. Temos que admitir posições políticas diferentes; há diversidade e isso é salutar. Forçar a unidade política (nesse caso, unanimidade) gerou o corporativismo evangélico, que testemunhamos nos programas televisivos atuais no Brasil, e pouco produziu em prol da nação. Faz falta olhar a sociedade e ter projetos maiores que nossas igrejas e instituições paraeclesiais; são necessários planos que incorporam o bem de todos, e não apenas de cristãos e cristãs.

### 3 EVANGELIZAÇÃO E PROSELITISMO

Essa foi outra questão que surgiu em um dos painéis e continuou forte nos corredores e debates informais. Os pentecostais são acusados

pelos demais cristãos de proselitistas. É verdade que somos um tanto “agressivos” em nossa evangelização, mas não é certo dizer que esse é o propósito. Ou seja, fazer prosélitos não é um fim em si mesmo. O problema de fundo é que a maioria dos pentecostais e das pentecostais é de tendência *exclusivista*, em se tratando de soteriologia. Para muitos irmãos e irmãs, apenas a sua versão da fé cristã é correta e autêntica. Essa é uma atitude complicada e, de fato, não é encorajada pelas Escrituras. Não devemos julgar o mundo, nem outros cristãos, nem separamos “trigo” do “joio”. O critério é tão reducionista que, por vezes, não há comunhão nem entre pentecostais. Pensar a unidade com outros cristãos é quase inimaginável.

Na América Latina, há um forte sentimento anticatólico (e antievangélico) que impede o diálogo. Muitos abusos foram cometidos contra os pentecostais, e a grande maioria insiste em continuar vendo-se como vítima. Temos de seguir em frente. A história está aí sendo dita e denunciada, há muitos registros importantes de males infligidos. Esse fato é reconhecido por ambos os lados. Agora temos que trabalhar para que haja reparação. Isso não significa que vamos retribuir da mesma forma. Nesse sentido, creio que o movimento ecumênico tem muito a contribuir para melhorar as relações entre cristãos de diferentes ramos e para a unidade do corpo de Cristo na terra, sem perder a dimensão da proclamação do reino de Deus.

Alguns participantes se perguntavam: se vamos considerar os católicos e protestantes históricos como cristãos e irmãos, a quem iremos pregar na América Latina? É uma pergunta legítima. No primeiro, não rejeitam o diálogo como tal. Estão mais preocupados com a tarefa da evangelização. Eu diria que a identidade pentecostal passa por uma ênfase na evangelização, como um de seus grandes marcos. Suavizar o fervor evangelístico equivaleria a minar o próprio movimento pentecostal, fragilizando-o. Em outras palavras, qualquer coisa que impeça a evangelização torna-se “anátema”, e, para muitos, a proposta ecumênica está fazendo exatamente isso.

Podemos dizer aos nossos irmãos e irmãs em nossa amada América Latina que, embora as estatísticas nos digam que o continente é cristão, sabemos desde 1916, que há ainda muito a fazer. Muitos cristãos são meramente nominais – e isso não se aplica unicamente aos católicos, mas também aos pentecostais. O anúncio do evangelho, enquanto vivermos na Terra, nunca cessará. Temos de continuar com a atividade missionária, lembrando que a missão de Deus não se limita à evangelização. Embora ela seja o braço direito da missão, esta inclui outras ações, como a ação política e social, por exemplo. Como igreja, pode ajudar a sociedade latino-americana através do serviço cristão (diaconia), lidando com a sociedade, e não apenas envolvidos na transformação pontual de indivíduos. Devemos recuperar o espírito profético que trabalhou para mudanças profundas na sociedade dos tempos bíblicos.

O movimento ecumênico, se bem interpretado e canalizado, nos ajudaria como pentecostais a seguir evangelizando, não só aqui na América, mas nos abriria também os olhos para a missão em outras partes do mundo. Há muitos povos que ainda não ouviram as Boas Novas de Jesus, e não devemos nos digladiar, disputando feligresia. Igualmente ajudaria, incentivando a criação de hospitais, escolas, ajuda humanitária, etc. Servir diaconalmente é tão missionário como a evangelização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Depois de abordar esses três temas principais, ainda há um registro. Durante os dias do fórum, muito se falou sobre a realidade chilena, e por mais que isso pareça limitante é, ao contrário, positivo. Muitos participantes notaram como é inadequado simplesmente “adaptar” às outras realidades de diferentes países, uma situação particular. Olhando por esse ângulo, denota que ainda há muito a ser feito na investigação sobre as nossas histórias e particularidades pentecostais, não em nível dos países,

mas também internamente, nas suas diferentes regiões. Nossos irmãos chilenos estão alguns passos à nossa frente nessa tarefa. Se quisermos conhecer melhor o pentecostalismo na América Latina, cada país deve estudar profundamente sua (s) história (s) e condição(ões) sociológico-antropológica(s). É o convite para a pesquisa em cada país. Assim, poderíamos proporcionar uma visão ampla e integrada de toda a nossa querida América Latina, bem como da importância do pentecostalismo a essa amada terra.

## REFERÊNCIAS

BOSCH, D. J. *Missão transformadora: mudanças de paradigmas na teologia da missão*. 2. ed. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007.

COMBLIN, J. *A profecia na igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

LÓPEZ, D. *Pentecostalismo y transformación social*. Buenos Aires: Kairos, 2000.

MESQUIATI DE OLIVEIRA, D. *Missão, cultura e transformação*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2011.

MOLTMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

VILHENA, V. C. *Uma igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas*. São Paulo: Fonte, 2011.